

AS SELVAGENS
TÊM 150 ESPÉCIES
DE PLANTAS

O interesse natural e científico das ilhas Selvagens está não só nas aves marinhas, mas também na biodiversidade marinha e na flora únicas

FOTOS: DR

Uma força de fuzileiros da Armada e dois elementos da Polícia Marítima desembarcaram ontem de manhã na Selvagem Grande, em defesa da soberania nacional



Para as Selvagens e em força!

Raul Caires
rcaires@dnoticias.pt

Não, Portugal não está a iniciar um novo e trágico ciclo na sua História, a exemplo do que fez em 1961 por causa de um império colonial que estava inevitavelmente condenado a desaparecer e cujo princípio do fim pode ser associado ao apelo de António Oliveira Salazar para uma guerra anacrónica: “Para Angola já e em força!”. Agora, Portugal está obrigado a enviar forças militares para o extremo sul do seu território nacional, onde pescadores furtivos - talvez incentivados por interesses que não os meramente económicos, quais corsários ao serviço de reis em épocas passadas... - ameaçam de morte vigilantes do Parque Natural da Madeira (PNM) no desempenho da suas funções de proteger a biodiversidade da Reserva Natural das Ilhas Selvagens.

A projecção de uma nova força de fuzileiros da Armada naquele subarquipélago da Região Autónoma da Madeira, a partir da corveta NRP João Roby, para o cumprimento de mais uma missão militar que visa dissuadir a pesca ilegal e vincar a soberania nacional, foi acompanhada pelo DIÁRIO no fim-de-semana passado.

Portugal, país europeu que dispõe da maior Zona Económica Exclusiva (ZEE), com cerca de 1.6 milhões de quilómetros quadrados (cerca de 18 vezes a área continental), vem, sobretudo nas últimas três décadas, esgrimindo argumentos diplo-

máticos com o seu “arqui-rival” de longa data, a Espanha, por causa das Ilhas Selvagens e do mar que as rodeia.

O diferendo está longe de estar resolvido, dado que, segundo rezam as crónicas, os encontros diplomáticos entre os representantes de Lisboa e Madrid continuam a terminar como começam, ou seja, com ambas as partes a abandonar os locais das reuniões com a mesma perspectiva irreduzível com que entraram.

A delimitação da Zona Económica Exclusiva (ZEE) operada pelo Governo português estabeleceu uma linha mediana nas 45 milhas entre um ponto nas Selvagens e outro na ilha mais próxima das Canárias, em Tenerife. Os espanhóis não reconhecem esta divisão, pois entendem que só as ilhas, e não os rochedos (como qualificam as Selvagens), têm ZEE, invocando para tal o n.º 3 do artigo 121 da Convenção das Nações Unidas sobre

o Direito do Mar. Portanto, consideram que apenas não podem pescar nas 12 milhas que circundam o subarquipélago das Selvagens.

As divergências residem assim na delimitação (ver mapa) feita por Portugal da ZEE da Madeira e na classificação que é dada às Selvagens. Se a perspectiva castelhana estivesse em vigor a mediana das ZEE’s deveria ser traçada entre a Madeira e as Canárias, ficando as Selvagens literalmente encaixadas dentro dessa nova ZEE das Canárias.

Este é o estado actual de um diferendo que já vem provocando algumas dores de cabeça aos titulares das

pastas dos ministérios dos Negócios estrangeiros e da Defesa dos sucessivos governos dos dois países ibéricos há muito anos. Mas foram nas últimas três décadas que os governantes mais necessidade terão sentido de recorrer a aspirinas.

Um breve olhar sobre a História deste período revela inúmeros registos de apreensões de pesqueiros espanhóis já desde o início dos anos setenta. Mais, foi em meados desta década, durante o conturbado período social e político que se seguiu à Revolução dos Cravos, entre 1974-75, que espanhóis das Canárias terão desembarcado na Selvagem Grande a ali hasteado a bandeira espanhola.

A década de 1980 não passou incólume quanto a “ocorrências” susceptíveis de causar tensão político-diplomática entre Lisboa e Madrid, mas foi a meio da seguinte década que o diferendo entre os dois vizinhos ibéricos a propósito das Selva-